

dialogada entre os diferentes segmentos residenciais que compõem as cinco aldeias/comunidades, não deixa dúvidas quanto ao fato de que estes povos indígenas reivindicam o reconhecimento de seu território para que possam continuar a viver conforme seus usos, costumes e tradições em uma área protegida pela União.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS: Em linhas gerais, os Arapium, Jaraqui e Tapajó praticam a tradicional economia mista ribeirinha, que integra a agricultura, a pesca, a caça e o extrativismo vegetal, associados à criação em pequena escala de animais domésticos e à realização de trocas e trabalhos braçais no âmbito da sociedade envolvente. Seus roçados são feitos com técnicas de coivara (corte e queima). A posse destas roças está ligada às famílias nucleares ou a arranjos múltiplos de parentes próximos. O trabalho tradicional nos roçados é feito na forma de *puxiruns*, que consiste em festins coletivos de trabalho, regados a fermentados de mandioca (caxará e tarubá). Dispor de uma rede ativa de parceiros próximos permite também que os coletivos organizem puxiruns para diversas outras atividades no âmbito da aldeia/comunidade. Entre estes povos, a categoria “planta” designa o conjunto das espécies plantadas pela mão humana. Portanto, não apenas os roçados, mas todos os ambientes que abrangem seus sítios habitacionais estão associados ao cultivo de espécies vegetais (matas, igapós, campos). Estas práticas de plantio e dispersão de espécies vegetais produzem um expressivo enriquecimento de suas paisagens habitadas e estão associadas a um complexo corpo de saberes transmitido ao longo de gerações. Para além da importância em termos alimentares, o extrativismo vegetal tem diversas outras utilizações, como a obtenção de matérias-primas (casas, artesanato, barcos, utensílios) ou o acesso a espécies de uso medicinal. A pesca compõe, junto aos derivados da mandioca, a base de sua alimentação cotidiana. Os tempos de cheia do rio (janeiro a agosto) são associados à carestia e as secas (setembro a dezembro) à fartura. Os lagos são os locais mais corriqueiros de pesca, que é complementada por incursões ao rio Arapiuns. A pesca nestes ambientes está associada à proximidade em relação aos sítios habitacionais. Ao descreverem suas técnicas pesqueiras, enfatizam as diferenças entre as técnicas “de agora” e as técnicas utilizadas “de primeiro”. Estes povos caçam para o consumo alimentar as mais diversas espécies animais (mamíferos, pássaros, quelônios e jacarés). Estas atividades são realizadas nos entrecruzamentos entre os ramais (caminhos abertos pela ação humana) e as veredas (caminhos feitos pelos bichos de terra). Demandam refinado conhecimento sobre as especificidades dos diferentes “bichos da mata” e estão relacionadas ao plantio de espécies frutíferas com o objetivo de atrair os animais para as proximidades de seus sítios habitacionais. A prática envolve a alternância de técnicas associadas à “espera” e à “varrida”. A espera envolve a construção de um “mutá” (ponto de espera) nas adjacências dos bebedouros e fruteiras visitadas pelos animais. As varridas consistem em caminhadas ao longo das veredas e ramais pelos quais os animais transitam. A divisão dos proventos da caça está relacionada à expressão “dar a putáua” ou “dar o pedaço” a alguém. Eventuais desequilíbrios nestas trocas podem levar a que relações de aliança se convertam em hostilidade, que se expressam por meio de fofocas e de acusações de feitiçaria. A inabilidade de atingir sucesso na caça (ou na pesca) por um período continuado de tempo é associada ao conceito nativo de *panema*. Neste registro, o azar do caçador/pescador é geralmente associado a algum ato de desrespeito às regras estabelecidas pelas “mães” ou “donos” das espécies e das paisagens onde habitam. O expressivo declínio na quantidade de animais de caça observado por eles é associado a fatores como a ampliação dos desmatamentos e pastagens e a intensificação das caçadas com finalidades comerciais. Por isso, a demarcação da Terra Indígena representa a possibilidade de colocarem em prática planos integrados de gestão e proteção de seu território de ocupação tradicional, para que os animais de caça voltem a procriar e circular nas adjacências de seus sítios habitacionais. Nessas aldeias/comunidades, os esforços de criação de gado são dificultados por razões ambientais e sociopolíticas, motivo pelo qual as famílias se restringem a algumas poucas cabeças, criadas em pequenas áreas cercadas próximas ou em algumas das antigas pastagens abertas no tempo dos coronéis. Atualmente, grande parte

das cabeceiras dos lagos permanentes distribuídas ao longo de toda a área ora identificada está cercada por projetos pastoris e ramais de extração madeireira. A renda formal e continuada proporcionada pelo acesso a aposentadorias rurais especiais, benefícios sociais do governo (Bolsa Família) e serviços assalariados (caso dos professores e agentes de saúde) lhes permite a compra de produtos complementares às atividades tradicionais, bem como a contratação de pequenos serviços no interior das próprias aldeias. Via de regra, os netos prestam serviços remunerados aos seus avós assalariados, o que acaba por valorizar sua posição de respeito diante destes jovens e crianças. A renda complementar amplia a possibilidade de que os idosos contribuam ativamente na formação escolar de seus netos e filhos de criação. A ampliação do número de pessoas com renda formal e continuada no interior das aldeias permite que muitos jovens possam obter ganhos monetários com empreitas, diárias ou vendas de produtos sem se afastar de casa temporariamente. Esta possibilidade contrabalança a tendência em buscar ganhos fora, em atividades diversas. Entretanto, a migração para as cidades e outros pontos de trabalho (“muvucas”) não se dá unicamente por conta de constrangimentos de ordem econômica, mas também pelo interesse em sair, ver, conhecer e aprender as coisas que passam “fora do Arapiuns”. A permanência continuada em locais distantes não implica ruptura ou quebra das relações de parentesco e cooperação. Na prática, estes parentes distanciados assumem uma função complementar em relação às estratégias econômicas realizadas por aqueles que se mantêm nas aldeias/comunidades. De um modo geral, a economia tradicional praticada por estes povos evidencia padrões tipicamente ameríndios, que continuam a operar de modo íntegro, mesmo que complementados por diversos modos de inserção na economia regional (aviamento, capatazia, ofícios formais e informais). Sabe-se que, ao longo dos séculos, mesmo que estes povos tenham se integrado a padrões econômicos abrangentes, sempre procuraram manter uma distância estratégica em relação aos mantenedores destes empreendimentos, de modo a garantirem sua própria capacidade de produção e reprodução autônomas. Em um tempo de rápidas transformações, a demarcação da Terra Indígena Cobra Grande se apresenta a eles como a possibilidade de manterem a autodeterminação de suas organizações sociopolíticas e a integridade de seus modos de produção tradicionais, sem perderem a chance de incorporar parceiros, produtos e saberes associados ao mundo dos “brancos”.

IV - MEIO AMBIENTE: Tendo em vista a orientação hídrica dos padrões de organização socioespacial dos Arapium, Jaraqui e Tapajó, a apresentação dos ambientes que compõem seu mundo habitado tem por referência o leito do rio Arapiuns. O “paranazão” (rio grande) é dividido entre as zonas de fundo (peral) e de beiras, que, por sua vez, são associadas a diversas formações geológicas (praias, lajeiros, pedrais, enseadas, pontas, coroas). Os lagos contíguos ao rio grande estão distribuídos entre a boca (foz) e as cabeceiras. A várzea abrange o conjunto das regiões planas submetidas à alagação sazonal. Na estação de cheias, formam-se lagos de igapó que têm importância estratégica para as atividades de pesca e caça. Os igarapés são pequenos cursos d’água que correm a partir das nascentes. As áreas alagadas de lençol freático superficial, que ocorrem no entorno das nascentes, são chamadas de chavascais. Em todas as áreas alagáveis são plantadas diversas espécies vegetais. As terras firmes abrangem as áreas não suscetíveis à inundação sazonal. Atualmente, as matas bravas correspondem a pequenas ilhas em meio a grandes faixas de capoeiras (florestas antropogênicas). Em meio a estas matas, ocorrem manchas de cerrado que os indígenas chamam de capinarana ou campos da natureza. Ao longo de toda esta zona de ocupação notam-se diversas áreas de ocorrência de “terras pretas de índio”. Em função de sua fertilidade, estes solos são extremamente valorizados para a formação de roçados de maior variedade intra e interespecífica. Os sítios habitacionais e as colônias de produção utilizadas pelas famílias se distribuem ao longo destes diversos ambientes, imprescindíveis tanto para seu bem estar econômico e cultural como para sua reprodução física e cultural. Para localizar e identificar as áreas, subdividimos a TI Cobra Grande em três porções: (1) a *porção oriental* abrange a região dos lagos Arara e

Caruci, associados à aldeia Caruci; (2) a *porção central* abrange a região entre a ponta do Toronó e o lago Sarará, associados à aldeia de Lago da Praia e à comunidade de Santa Luzia; (3) a *porção ocidental* abrange a região do lago Arimum e se estende na direção norte até às margens do lago Ajamuri (Lago Grande do Curuaí). Reitera-se que o modo tradicional de uso dos recursos naturais, além de não causar prejuízos, contribui para o enriquecimento da biodiversidade destes ambientes, em franco contraste com as técnicas associadas à expansão de pastagens e ramais de extração madeireira. Destaca-se que a demarcação da Terra Indígena Cobra Grande e a formulação de projetos de proteção e gestão territorial e ambiental poderá reverter a tendência ao confinamento territorial associada a estes processos. Essas unidades de paisagens e recursos foram representadas graficamente, com riqueza de detalhes, em mapas e croquis de uso e ocupação.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL: Embora tenha havido um drástico declínio demográfico ao longo dos séculos de contato, os povos indígenas do rio Arapiuns não foram extintos. Sua reprodução física e cultural na história está associada a permanentes refluxos para regiões de cabeceiras, seguidos de lentos processos de reocupação das beiradas e lagos do baixo curso deste rio. Nas últimas décadas, houve um processo de expansão demográfica, evidenciado pela ampliação no número de casas e comunidades formadas ao longo da segunda metade do século XX. A partir de tabelas sobre a distribuição etária (2008), observa-se que a população atualmente residente nas aldeias é formada, majoritariamente, por crianças e jovens com até 19 anos (52%). As tabelas evidenciam o estreitamento da faixa populacional que abrange os adultos com idades entre 20 e 59 anos (40%). O menor grupo etário é composto por idosos com 60 anos ou mais (8%). Em parte, a diminuição dos adultos, em relação às crianças e jovens, está associada a fatores como casamentos ou temporadas de estudo e trabalho realizadas fora das aldeias. Observa-se, ainda, uma tendência à evasão por parte dos casais jovens por conta do aumento da competição interna por “terras boas e libertas”. Para além da expansão demográfica, o crescente processo de confinamento territorial, decorrente da ampliação de pastagens e empreendimentos madeireiros, pode ser apontado como o principal fator desencadeante de migrações indesejadas, pressões sobre os recursos e doenças. Na sequência, são apresentadas informações sobre as dimensões simbólicas imprescindíveis à compreensão dos modos como estes povos se relacionam com as áreas tradicionalmente ocupadas. Os diversos ambientes que compõem seus sítios habitacionais são repletos de plantas e outros trabalhos realizados ao longo de gerações, que constituem o testemunho da antiguidade e da continuidade da ocupação indígena sobre estas áreas. Para além de contar a história de suas trajetórias no tempo, suas paisagens são povoadas de diversos seres encantados dotados de consciência e capacidade de ação. A terra habitada pelos humanos constitui apenas um destes domínios. Para eles, abaixo do patamar humanamente habitado existe uma “cidade encantada”, habitada por diversos tipos de encantados. Estes seres “do fundo” vestem diversas capas corporais para circular em terra. Em sua perspectiva, os viventes na terra não são nada além de inquilinos das “mães” ou “donos” de tudo o que há. Existem, portanto, diversos pontos simbólicos no território associados ao trânsito e à manifestação de seres encantados que circulam entre a terra e o fundo. Os pajés (*sacacas*) ocupam um lugar privilegiado na mediação das relações entre os seres do fundo e da terra. Se por um lado são capazes de viajar para o fundo, por outro eles permitem que os encantados do fundo tomem seus corpos como capa para realizar, por meio deles, a cura xamânica dos doentes. Além dos encantados do fundo, suas paisagens são povoadas também por bichos de terra, gerados de transformações corporais (como os juruparis) e bichos visagentos (espectros de mortos). As narrativas sobre estas visagens evocam relatos sobre eventos trágicos ocorridos no passado, como a Cabanagem (1835-1840) ou a epidemia de paludismo (malária) ocorrida em meados de 1920. As dimensões elementares deste corpo de práticas e saberes remetem a um fundo cultural Tupi compartilhado com diversas populações indígenas e ribeirinhas da Amazônia. Vale ressaltar que estas concepções não existem à parte dos processos de incorporação do catolicismo e